

Setúbal e os impactos da Grande Guerra (1914-1918)

O período da I Guerra Mundial foi um dos mais dramáticos do século XX, provocando milhões de mortos e feridos e destruindo aldeias, vilas e cidades. Nenhum país fugiu às suas nefastas consequências económico-sociais. Também a cidade do Sado não foi a mesma depois destes longos e duros anos.

A evolução política do município foi marcada pelo início da decadência do Partido Republicano Português (PRP) por diferentes razões, nomeadamente, pela incapacidade de responder aos problemas motivados pela «economia de guerra», pelos efeitos das ditaduras de Pimenta de Castro (1915) e Sidónio Pais (1917-1918) e, ainda, pelos resultados das eleições autárquicas de 1917. Durante o pimentismo e o sidonismo verificou-se a deposição das comissões executivas municipais eleitas e a sua substituição por equipas nomeadas pelo poder central. O evolucionista Joaquim dos Santos Fernandes e o monárquico Henrique Augusto Pereira, respetivamente, exerceram o poder sem oposição política.

Neste período foi granjeado apoio junto da direita republicana, aspeto que se refletiu nas eleições mencionadas, em que a «lista do concelho» – coligação de evolucionistas, monárquicos e outros conservadores – representou o início dos intensos ataques à influência do PRP. A derrota eleitoral, que entregou o poder local a este grupo, esteve na génese da criação de um bloco conservador que uniu esforços para desgastar a República, um dos sintomas do que seria o 28 de maio. Se os assassinatos da greve de março de 1911 originaram o divórcio entre o operariado e a jovem República, o conflito bélico feriu de morte esta relação.

No âmbito económico, a Grande Guerra afetou, transversalmente, as diferentes áreas de atividade local. No mundo agrário, os seculares laranjais de Setúbal continuaram o seu longo processo de declínio e a empresa José Maria da Fonseca realocizou o seu mercado consumidor no Brasil, devido à redução abrupta da importação britânica e francesa. A indústria de conservas de peixe

e a pesca viveram um período considerado de *boom*, em virtude das profundas necessidades externas proporcionadas pelo facto de a conserva ser um dos principais alimentos das tropas em combate. Passando-se de pouco mais de 40 estabelecimentos (1914) para cerca de 130 (1920), o crescimento do setor foi extraordinário. Do porto de Lisboa embarcaram as conservas setubalenses para os mercados aliados, enquanto que o porto local perdia dinâmica e apresava o navio alemão Triton II. Todavia, a «loucura» conserveira durante a guerra representou um período de riqueza temporária uma vez que, com o seu fim, se deu início a uma decadência de muitos anos.

Socialmente, a divisão da imprensa local face à questão do intervencionismo militar e o antiguerrismo ilustra a evidente fratura na comunidade num debate que marcou aquela época. Se o PRP e os evolucionistas eram favoráveis à participação militar portuguesa, a esquerda radical, um restrito grupo monárquico e o grosso da população eram, acerrimamente, contra.

A crise de abastecimentos e o aumento brutal do custo de vida foram os motivos que provocaram a erupção do «vulcão operário» que era Setúbal. A deterioração das condições de vida da comunidade sadina foi evidente devido à ineficaz centralização dos métodos de distribuição

dos géneros de primeira necessidade, ao açambarcamento, ao contrabando e à especulação, que originaram enriquecimentos ilícitos. As medidas municipais de fiscalização sobre esta questão foram praticamente infrutíferas, não travando a escalada de preços. Os diversos períodos de fome, principalmente nos anos de 1917 e 1918, deram um novo impulso ao movimento operário, exteriorizado no espaço público através de várias greves, assaltos coletivos e manifestações contra o conflito bélico. O sentimento antiguerrista da maioria

ARQUIVO FOTOGRÁFICO AMÉRICO RIBEIRO. SMBM/DCED/CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL



Comboio na Av. Luísa Todi durante a Grande Guerra (c. 1917)

dos setubalenses foi incrementado pelas dezenas de deserções militares e amplamente retratado em panfletos «subversivos».

Finalmente, o armistício de 11 de novembro não foi devidamente celebrado numa cidade que passava pelo pico da Gripe Espanhola (ou Pneumónica) e que mobilizara 210 setubalenses e azeitonenses para o Corpo Expedicionário Português. As deficientes infraestruturas hospitalares, a falta de médicos, de enfermeiros e de medicamentos, a inflação e o elevado grau de insalubridade justificam, em grande medida, as 672 vítimas da gripe contabilizadas nos últimos meses de 1918. **[DF]**

COLEÇÃO PARTICULAR DE ANTONIO CUNHA BENTO



Postal n.º 11, Av. Luísa Todi e o Grande Hotel Esperança (c. 1918), de Mendes-Estafeta

ANTT-ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO, MINISTÉRIO DO INTERIOR, DIREÇÃO GERAL DA ADMINISTRAÇÃO POLÍTICA E CIVIL, CAIXA 38, MAÇO 68



Panfleto antiguerrista distribuído em 25 de março de 1916, em Setúbal, após a entrada oficial de Portugal na Grande Guerra